

Expressões Alternativas das Vozes dos Cidadãos:

Música e Comentário Social em Moçambique



Anésio Manhiça, Catija Maivasse, Euclides Gonçalves
e Kátia Taela (Com Alex Shankland e Mariz Tadros)

Maputo, Dezembro de 2018

**EXPRESSÕES ALTERNATIVAS DAS VOZES DOS CIDADÃOS:
MÚSICA E COMENTÁRIO SOCIAL EM MOÇAMBIQUE**

Anésio Manhiça, Catija Maivasse, Euclides Gonçalves e Kátia Taela
(Com Alex Shankland e Mariz Tadros)

Maputo, Dezembro de 2018

Índice

INTRODUÇÃO	6
COMPASSO DA POLÍTICA	8
TEMAS RECORRENTES	10
ACCOUNTABILITY	14
A RESPONSABILIDADE DO ESTADO PELA PROVISÃO DE SERVIÇOS PÚBLICOS	14
DEMANDAS DE EXPLICAÇÕES E JUSTIFICAÇÕES SOBRE A SITUAÇÃO DO PAÍS	16
QUESTIONAMENTO DE DISCURSOS DE LEGITIMIDADE	18
EMPONDERAMENTO E ENGAJAMENTO CÍVICO	19
VOZES	21
CONCLUSÃO	23

Introdução

O estudo “Expressões Alternativas das Vozes do Cidadãos: Música e Comentário Social” foi realizado no âmbito do programa de pesquisa internacional Acção para o Empoderamento e Responsabilização Social (A4EA). Este programa com a duração de cinco anos (2016-2021) é implementado por um consórcio liderado pelo Instituto de Estudos de Desenvolvimento da Universidade de Sussex, no Reino Unido e conta com o financiamento do DFID.

O programa visa compreender em que medida e sob que condições a acção social e política, liderada por cidadãos e cidadãs, contribui para o empoderamento e responsabilização social, em contextos de fragilidade e conflito, com particular enfoque para o Egipto, Nigéria, Myanmar, Moçambique e Paquistão. O programa investiga como contextos de fragilidade, conflito e violência afectam a acção social e política liderada por cidadãos, os mecanismos e estratégias por eles adoptados, e os resultados por eles alcançados nesses contextos.

Nesta primeira fase (2016-2018) o programa foi orientado por quatro linhas de investigação: i) processos de negociação sobre *accountability*; ii) acção social e política liderada por mulheres; iii) o papel dos actores externos; e iv) sentidos e expressões de empoderamento e *accountability*.

O estudo apresentado neste documento está integrado na linha de investigação que explora os sentidos e expressões de empoderamento e *accountability*. Duas premissas orientam esta linha de investigação: primeiro, que os cidadãos possuem diferentes entendimentos sobre empoderamento e expectativas sobre que forma deve assumir a *accountability*. Segundo, os cidadãos possuem diferentes formas de expressão e as expressões culturais são espaços de intervenção social, política e económica e de *accountability*.

Neste projecto de pesquisa propusemo-nos a investigar três questões interrelacionadas: (1) Se existem noções de empoderamento *accountability* na música popular em Moçambique? (2) Se sim, o que essas noções nos revelam sobre as relações entre os cidadãos e cidadãs e as instituições públicas no geral, e sobre a acção política cidadã em particular? (3) Como a música aparece e é usada nas iniciativas de promoção de empoderamento e *accountability* promovidas por organizações da sociedade civil?

A nossa análise foi orientada por dois conceitos chave: empoderamento e *accountability*. Adoptamos o conceito empoderamento entendido como um estado subjectivo e objectivo que inclui: i) consciencialização sobre a sua própria situação, que transcende a sensibilização ii) capacidade para fazer escolhas individuais e colecti-

vas ligadas; e iii) poder, habilidade e autonomia para agir em conformidade com as próprias escolhas.

A nossa conceitualização de empoderamento político considera tanto o nível individual como o colectivo, assim como, a relação entre os dois níveis. As quatro formas de poder – “poder para”, “poder com”, “poder interno” e “poder sobre” identificadas por Rowlands (1997) ilustram bem o nosso entendimento de empoderamento. Esta conceitualização vai para além do enfoque na participação dos indivíduos na política, como membros do executivo ou legislativo, pois entendemos que existem outros espaços e vias para o empoderamento político (Tadros 2014; Cornwall 2017).

Neste estudo *accountability* refere-se a um conjunto de interações de prestação de contas, tais como a partilha de informações, explicações e justificações por parte das instituições, seus representantes e trabalhadores sobre a sua actuação (Mugize 2018).

Consideramos quatro elementos centrais das interações de *accountability*: i) provisão de bens e serviços públicos; ii) capacidade e vontade política para responder as necessidades dos cidadãos; iii) legitimidade e confiança dos cidadãos em relação as instituições públicas; e vi) inclusividade dos processos (Fox 2015). Apesar de parte considerável da análise centrar-se nas relações entre cidadãos e autoridades públicas consideramos também as práticas de prestação de contas da sociedade civil, instituições de governação global e agências bilaterais, o que Jonathan Fox (2018) define como *public accountability*. Assim, o nosso entendimento de *accountability* abrange actores formais e informais, individuais e colectivos.

A pesquisa foi realizada na cidade de Maputo entre Janeiro e Setembro de 2018. Os dados foram recolhidos com base em entrevistas semi-estruturadas a músicos, produtores apresentadores e produtores de eventos. Foi também realizada observação participante, conversas informais e entrevistas semi-estruturadas com audiências identificadas em concertos e espaços de debate público. A análise focou-se em letras e vídeos de 46 músicas em língua portuguesa e ci-changana que comentam sobre o político. Durante as diferentes etapas da pesquisa foram realizados 3 workshops com pesquisadores, músicos, produtores e apresentadores de eventos musicais. Esses workshops forneceram subsídios para a recolha de dados e análise realizadas.

O estudo concentrou-se num conjunto de materiais a que denominamos músicas sobre o político. Este conjunto de músicas vai para além da crítica aos políticos e aos partidos políticos e considera tanto as políticas públicas como a relação entre os cidadãos e o Estado. Em alinhamento com o nosso entendimento de *accountability* pública incluímos também letras que fazem referência a outros actores nomeadamente governo, partidos políticos, organizações da sociedade civil, assim como organizações governamentais e não-governamentais estrangeiras.

Compasso da política

A música e a consciência política têm uma longa tradição em Moçambique. Em Moçambique independente, música sobre o político tem sido baseada em gêneros e formas estilísticas desenvolvidas em contextos pré-coloniais e coloniais. Em sintonia com o tempo, os músicos compuseram temas que lamentam a situação colonial, celebrem a independência de Moçambique e o papel da FRELIMO nela. Outras composições reflectem a experiência das políticas económicas e sociais no período de orientação socialista, da guerra interna e do período de democracia multipartidária.

...

Vamos a Bilibiza,

Vamos ver o que há

....

Em Bilibiza estuda-se

...

Em Bilibiza cultiva-se

...

Em Bilibiza há um grupo coral

....

Em Bilibiza há Makwai

...

Excertos de “Bilibiza”, Salimo Muhamed

A pobreza entrou, avós,

Guerras sem explicação, juro...

...

Guerras sem fim, não sei o que fazer..

Dizimaram meus netos que deixei em Marracuene

....

Vejam os soldados perigosos, vejam o acidente, soldados sem dó...

Pobreza sem ninguém para acalmar

Vejam os soldados perigosos...

...

Porque morremos?

Morremos porque somos calados,

Somos jovens cultos... mas queremos a paz.

Excertos de “Massotcha”, Ghorwane



Figura 1: Linha do tempo apresentando músicas de referência sobre o político, 1975-2018

Linha do tempo: músicas de referência

Actualmente o hip-hop é o estilo musical que mais produz músicas sobre o político. Contudo, notamos que esta vaga de músicas sobre o político é precedida por outras onde o comentário social sobre o político é feito com recurso a outros artifícios retóricos que permitem a expressão de sentimentos sociais. A história da música sobre o político também mostra que em períodos de orientação política e ideológica diferente, o controle sobre as músicas que podiam ser disseminadas nunca foi total e que em alguns casos governantes moçambicanos acarinharam aqueles que cantaram abertamente sobre os assuntos mais sensíveis do seu tempo.

Temas recorrentes

Alguns temas de músicas sobre o político permaneceram historicamente os mesmos, embora o vocabulário tenda a mudar com o contexto ideológico e econômico. Em geral, o comentário sobre o político é uma reflexão sobre as condições da pobreza em que vive a maioria dos moçambicanos. É nos momentos em que já se agravavam as condições de abjeção que o comentário popular emerge através da música e outras formas de expressão da cultura popular. Em algumas condições extremas, como quando o custo do transporte e do pão registraram aumentos acentuados, o resultado podem ser tumultos como os que ocorreram em 2008 e 2010.

...

Há pessoas que comem até que se fartam

Enquanto eu e tu morremos a fome

Quando o vento sopra sentimos o cheiro a carne

[Enquanto] eu e tu morremos a fome

Quando o vento sopra, só [cheiro] a brasa

...

Enquanto nos alimentamos de verduras

Eles comem tudo de bom e do melhor

...

Você pode engordar e as pessoas pensarem que tens muito dinheiro e boa vida,

Quando são apenas efeitos da pobreza

...

Veja como ele está magro(a) por comer demasiado que até deixa os restos para os cães

Meu filho, espera que eu prepare algo mas é amargo

Entretanto, tenha paciência que irás beber água

Excertos de “A mali ya phepa” (Dinheiro de papel), Eugénio Mucavele

A fila anda?

Não anda! Só levam lá a frente onde eles estão

Levem aqui atrás

...

Você! Está a comer pão da criança?

...

Nos mandam beber água,

Nos fazem pentear a tartaruga

Mandam-nos pentear a careca

Oh, a vida está difícil

....

Só trabalhamos para custear despesas de transporte.

Não dizemos que o custo de vida não aumente, mas que seja proporcional ao salário...

....

Excertos de “La famba bicha?” (A fila anda?), Jeremias Nguenha

...

O país da marrabenta vai de mal a pior

Mas paciência, moçambicanos têm de melhor

Foram 16 anos de uma guerra civil

Só de orelhas decepadas foram mais de mil

Ainda querem que o povo lhes dê ouvidos

Dam! Filhos da mãe desses políticos!!

...

Maputo é tipo a 24 de Julho, pois é

Começa em luxo mas acaba em entulho

Tem ladrão de galinha que vai para a prisão

*E tem o traficante de haxixe que paga caução
Quem dorme no chão? O gajo que arrombou uma janela
Quem é rico até instala um telefone na cela*

...

*Lançaram uma falsa taxa de 20 paus
Mas o saneamento básico ainda é um caos
Tem mais lixo na cidade do que peixe no mar
E um Conselho parasita que nos tenta sugar
Nos tenta tirar o pouco que poupamos nos bolsos
Chega o fim do mês temos que pagar os impostos
Enquanto gastam dinheiro em carros de luxo
O povo sobrevive embora que sem nada no bolso*

...

*Deram liberdade de imprensa ao jornalista
O Carlos teve azar foi o primeiro da lista
Pois é, o mano esqueceu-se da lei da floresta meu
Antes que abrisse a boca, tiro na testa
Dizem que era boa pessoa, mas sabia demais
Resultado, levou uma facada por trás
E o assassino com certeza foi ao enterro
Abraçou a viúva e disse: meu companheiro!*

Excertos de “País da marrabenta”, Gpro-Fam

...

*E se eu te dissesse
Que a barragem Cahora Bassa não é nossa
É dum punhado de gente que ainda vai encher a bolsa*

...

E se eu te dissesse

Que há canais de televisão comprometidos
Com o governo e só abordam os assuntos permitidos
Que esses telejornais já foram todos vendidos
Vocês só vêm o que eles querem
E eles querem os vossos sorrisos
E se eu te dissesse
Que o Sida em Moçambique é um negócio
ONGs olham para o governo como um sócio
...

Excertos de “As mentiras da verdade”, Azagaia

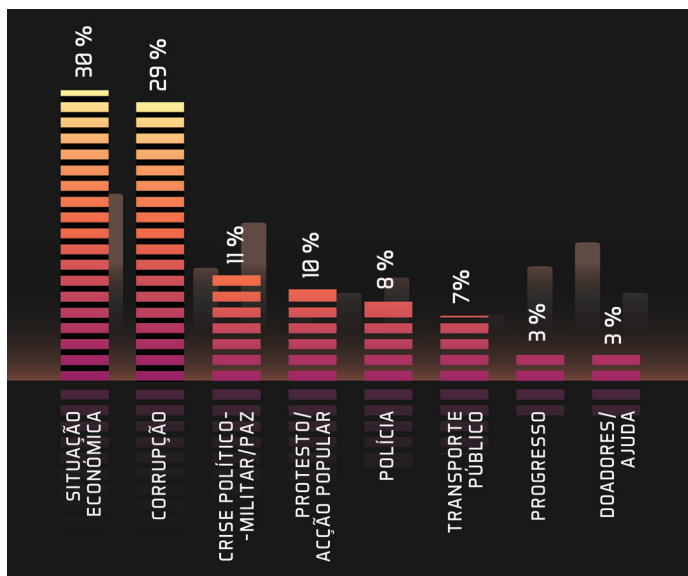


Figura 2: Distribuição dos temas nas 46 músicas analisadas

Os temas recorrentes nas músicas sobre o político no período estudado são: corrupção, situação económica (fome, pobreza, desemprego), protesto/acção popular, crise politico-militar/paz, transporte público, polícia e doadores/ajuda. Várias músicas tratam de mais do que um destes temas. Nas músicas estudadas, estão presentes indicadores das noções de empoderamento e de *accountability* adoptadas neste estudo. A análise das músicas sobre o político revela também a adopção de vocabulários anteriormente ausentes. Por exemplo, a inclusão nas letras de expressões

como “direitos humanos”, “prestação de contas”, “governança inclusiva” e “Estado de Direito”. A adoção deste novo vocabulário deve-se em parte ao crescimento da mídia independente e ao aumento do número de organizações da sociedade civil que trabalham nas áreas de direitos humanos e cidadania e participação política.

Accountability

As letras analisadas fazem referências explícitas a responsabilidade do Estado, prestação de contas e a legitimidade dos governantes.

A responsabilidade do Estado pela provisão de serviços públicos

Para além da descrição da baixa qualidade e falta de acesso aos serviços públicos, as letras analisadas incluem referências explícitas a responsabilidade do Estado de provisão de serviços. A baixa qualidade dos serviços é atribuída as condições inadequadas de trabalho, incluindo os baixos salários, assim como a incompetência e corrupção dos governantes. Tal é evidente nos versos sobre os polícias, professores e profissionais de saúde em “O País da Marrabenta” de Gpro-Fam, “No Outro Lado da Lei”, de Dama do Bling, “Tipoliça” de Xtaka Zero, “Ano da Fome” de Azagaia, e Frelimo 2018 de Refila Boy. Os versos de “O País da Marrabenta” de Gpro-Fam, “Homem-Bomba” de Azagaia e “Dinheiro do Povo” de Izlo H falam da contradição entre a cobrança de impostos e a baixa qualidade, disponibilidade e acesso aos serviços públicos, particularmente transporte, educação e recolha de lixo.

...

Com a farda veio junto a pressão do dia a dia

Na vida real senti o drama de ser polícia

Ainda madrugada, já posicionado na rua,

Queimando com muito sol ou molhando com a chuva

Passei mais de 10 horas caminhando no asfalto

Senti o alcatrão a ferver debaixo dos meus sapatos

Vocês não têm noção de o que é trabalhar nas ruas

Chegar na casa com os pés carregados de bolhas

...

Ladrão? Eu que trabalhei com zelo

*Apanhei marginal, prendi bandidos em duelos
Tenho na folha de serviço, crimes resolvidos
Medalhas de honras, recomendações e elogios*

...

*Nunca perguntaram se eu tinha o meu filho doente
Se tinha dinheiro para o hospital ou porque é que eu estava ausente
Vocês nunca imaginaram que eu ao tirar a farda não era diferente do homem que
trabalha
Que sobrevivia com o pouco para ajudar a sua família
Que sofria para apanhar transporte, fazia bicha
Também fiquei apertado em chapas e my loves
Esperei o machimbombo que fazia a última volta
Muitas vezes apertado e me pisavam o pé*

Excertos de “O outro lado da lei”, Dama do Bling

...

*Há dinheiro do povo em mãos alheias
Eu sou pedreiro e todos os dias vou ao trabalho
Não tenho escolha também não posso ficar desempregado
A despesa é gorda, mas o salário é sempre magro
Ainda por cima todo o fim do mês sou descontado
INSS, IRPS, I-não-sei-o-quê, para me tirar mais um trocado
Eu vi na TV que parece que estamos a ser roubados
Mas não me diz a TV, a final quem é que foi o culpado?
Eu sou professor, também sou funcionário do Estado
Mas nem sei os nomes dos impostos que tenho pago
Também vi alguma coisa sobre um dinheiro desviado
Mas não acompanhei a informação, não tenho o assunto aprofundado*

....

Esse dinheiro não é vosso, ok? Então devolvam
Nosso suor não é negocio, ok? Então devolvam
Vocês estão a brincar com o povo, ou o quê? Então devolvam
Esse dinheiro é do povo! “Bora devolver!”

....

Isso é Moçambique, a nossa Frelimo não vai morrer
As águas moles sempre batem, a nossa rocha não se afasta
Enquanto o povo ladra, a caravana sempre passa
Mandamos nesse país desde o tempo ultrapassado
Esquece quem reclama, porque já, já será o debate
E ouça o que te digo, fica do nosso lado
Este povo hoje fala, amanhã renova o nosso mandato

Excertos de “Dinheiro do povo”, Izlo

Em “Dinheiro do Povo” Izlo H canta na voz de um operário, professor e enfermeiro sobre as lutas diárias para sobreviver com “salários magros” ainda mais reduzidos por diversos impostos. Na voz de um trabalhador informal e de um empresário, Izlo H articula a desconfiança e relutância das pessoas em relação ao pagamento de impostos, porque o dinheiro público tem sido usado para benefício pessoal dos funcionários públicos e governantes, conforme o seguinte verso ilustra: “eu não vou contribuir para um ladrão construir palácios”. Se por um lado esta letra, cuja principal mensagem é que o dinheiro do povo foi roubado e precisa ser devolvido e faz uma crítica a riqueza acumulada por funcionários públicos. Por outro lado, a letra sugere que esta não é partilhada por todos e que aqueles directamente envolvidos na provisão de serviços como os professores e os enfermeiros são os que menos beneficiam deste sistema.

Demandas de explicações e justificações sobre a situação do país

Não há boas notícias

Morre-se no país

O povo está revoltado

....

Para onde iremos nós?

Será que não ouviram?

Será que não ouviram?

Sobre as mortes em Muxúngue?

E em Gorongosa

Será que não ouviram?

Será que não ouviram?

Sobre a grave dos médicos

Nos hospitais

Hoje em dia há mais motivos para chorar, menos para sorrir

Meu povo a amedrontado foge não sabe para onde ir

As minhas lágrimas mostram o quanto eu tenho chorado

Governantes, cade vocês?

Cansei de ouvir choro de criança

Que a nossa aliança é só sangue, lágrimas

Excertos de “Meu povo chora”, Ubakka

Algumas das letras analisadas fazem perguntas directas aos governantes e a Frelimo, partido no poder, sobre os problemas enfrentados pelos moçambicanos. Estas exigem explicações sobre porquê a má governação é tolerada e demandam que algo seja feito para melhorar as condições de vida do cidadão comum e aconselham ao governo a prestar mais atenção ao que se está a passar. “Meu Povo Chora” de Ubakka, pergunta onde estão os governantes que nada fazem acerca da perda de vidas no conflito político-militar entre a Frelimo e a Renamo, principal partido na oposição: “será que não ouviram [o choro do povo]?”. “My Love” de Tabasilly pergunta “estão a ver este problema do “My Love?” e aconselha que Armando Guebuza, o antigo presidente da república e o ministro dos transportes prestem atenção aos problemas causados pelo “My Love”. “Povo no Poder” de Azagaia alerta ao governo, na sequência dos protestos de Fevereiro de 2008, que se os preços do transporte e do pão não baixassem haveriam protestos à escala nacional.

Em “Frelimo 2018” a música de Refila Boy é uma carta aberta aos libertadores de Moçambique, particularmente a liderança do partido Frelimo. A carta foi escrita por Alice Mabota, antiga presidente de uma organização pro-direitos humanos de referência no país, na qual ela exige resposta acerca dos problemas sociais, políticos e económicos enfrentados pelo país durante a governação de Armando Guebuza, que deixou os moçambicanos despidos de dignidade, moral, esperança e profundamente revoltados. A carta aberta pergunta aos “libertadores” se este é o Moçambique para o qual eles lutaram e atribui os vários problemas identificados a governação de Armando Guebuza. A carta acusa a liderança da Frelimo de cumplicidade no sofrimento das pessoas e desafia-os a fazer algo a respeito, afirmando que os moçambicanos discutem estes assuntos em privado, mas não em público porque têm medo de sofrer represálias, ressaltando que os direitos de liberdade de pensamento, associação e expressão são fundamentais para todos os indivíduos e que se as pessoas não puderem falar à vontade com os seus governantes um dia poderão “explodir”.

Questionamento de discursos de legitimidade

As letras contestam os discursos de partidos políticos, sobretudo da Frelimo, sobre a sua legitimidade. Em relação a Frelimo, questionam o discurso da legitimidade para governar Moçambique decorrente do seu estatuto como frente de libertação que lutou pela independência de Moçambique contra o colonialismo Português. As letras problematizam a versão oficial da história de Moçambique contada pela Frelimo e expressam descrença em relação a capacidade e interesse dos “políticos da Frelimo” em governar de maneira inclusiva e democrática e proteger os interesses dos moçambicanos. Para além disso, os versos lembram a Frelimo sobre as promessas feitas quando o país se tornou independente em 1975, sobretudo de redistribuição da riqueza, não tem sido cumpridas; defendem que o seu estatuto como “libertadores da pátria amada” não é suficiente para garantir a sua continuidade no poder; e articulam um desejo por mudança política.

Em “Combatentes da Fortuna” Azagaia canta sobre as promessas feitas “eles fizeram-nos sonhar com liberdade, acreditar em igualdade e bombardearam-nos com discursos sobre unidade” e do sofrimento que os governos dos partidos das frentes de libertação trouxeram aos africanos. A música expressa profunda desilusão. Enquanto “Frelimo 2018” de Refila Boy pergunta a liderança da Frelimo se este é o Moçambique pelo qual lutaram, “Combatentes da Fortuna” de Azagaia expõe a contradição entre o discurso de libertadores e a sua ganância por fortuna. Questionam ainda significado da Independência em termos de condições de vida. “O País do Pandza” de Slim Nigga afirma “dizem que o país é independente porque alguém

lutou, dia seguinte posso acordar, mas nada mudou”, “Frelimo 2018” de Refila Boy defende que a Frelimo “libertou a terra, mas o povo continua a sofrer”.

Enquanto a maioria das letras questiona a legitimidade da Frelimo, encontramos em Azagaia, Olho Vivo e André Cardoso referências a vários partidos. Em “Sempre a mesma merda” Olho Vivo nota:

...

Os dias vão passando

E com a paz pouco está mudando

Casos de corrupção passam todos dias na televisão

É como diz o ditado, os cães ladram e a caravana passa

Ninguém faz nada

Faz-me lembrar a oposição

Estática sem tática para contrapor a mentira

“Chamboco” de André Cardoso, fala tanto da Frelimo como da Renamo, numa crítica sobre o comportamento e privilégios dos deputados da Assembleia da República:

Sentes o chamboco pelo discurso no parlamento

Porque a Frelimo trouxe a independência, a Renamo trouxe a democracia

E o povo é sacrificado a cada lei que se anuncia.

André Cardoso usa o termo chamboco (que significa cacete, vara ou chicote com que se bate), como uma metáfora para a violência infringida sobre as pessoas através de limitado acesso aos serviços, corrupção, intimidação, exclusão e discursos de legitimidade.

Empoderamento e engajamento cívico

À luz da nossa conceitualização de empoderamento político analisamos a relação entre empoderamento individual e colectivo e as possibilidades para a acção cívica e política. Aqui concentramo-nos em três aspectos: dar voz, exortar e celebrar a acção cidadã. As letras tanto descrevem desigualdades e injustiça social como apresentam propostas que enfatizam a acção individual e colectiva dos cidadãos.

Os artistas entrevistados perceberem-se como “as vozes do povo” constituindo-se desta forma como representantes auto-nomeados de outros cidadãos. Alguns artistas assumem-se ainda como cidadãos activos que intervêm na vida política do país através da sua música, autodefinida como “música de intervenção”.

Em relação a exortação a acção cidadã, a nível individual destaca-se a necessidade de despertar, de usar o voto de forma sábia, de parar de apoiar quem lhes faz sofrer, de denunciar injustiças. A nível colectivo, a união e voz colectiva na rua, sobretudo através de manifestações pacíficas, aparecem com maior prominência. Contudo, a nota dominante é a inacção dos cidadãos e a ideia que o silêncio acerca das injustiças é uma forma de cumplicidade e de consentimento. Por exemplo, “Meu Povo Chora” de Ubakka aponta injustiças e propõe: “levanta-te, acredita e vencerás. A união faz a força, depressa”. Enquanto o áudio é menos explícito, o vídeo inclui uma notícia televisionada de uma manifestação pacífica termina com imagens de Alice Mabota afirmando que “todo o cidadão tem o direito de manifestação, desde que não seja um distúrbio”. Já “Chamboco” de André Cardoso contesta:

Chega de sermos vítimas

Vamos também chamboquear

Esses senhores dependem de nós para nos governar

Chega de murmurarmos ensardinados no my love

Maputo fica inundado em dez minutos quando chove

Porquê que nós não inundamos esses senhores com chamboco?

As celebrações da solidariedade com a acção cidadã são menos presentes, sendo “Povo no Poder” de Azagaia o caso mais paradigmático. A música feita após os protestos, de Fevereiro de 2008, retrata e celebra uma acção passada dos cidadãos e procura mostrar ao governo que as pessoas estão saturadas da situação precária em que vivem. Na mesma linha, “Frente a Frente” de Izlo H mostra solidariedade para com os manifestantes espancados, que o governo procurou calar e denúncia a instrumentalização das mídias para caluniá-los. “Frelimo 2018” de Refila Boy faz menção dois “levantamentos populares” em que “as pessoas procuraram demonstrar a sua revolta ante má governação, e o governo no lugar de transmitir mensagens de esperança, distanciou-se cada vez mais, matando inocentes”.

As letras são dirigidas a vários actores e para além de falarem das responsabilidades do Estado pela provisão de serviços públicos e de explicarem/justificarem aos cidadãos os problemas do país, elas fazem referência explícita tanto aos deveres dos

cidadãos (ex. referência ao pagamento de impostos) como ao seu papel na mudança social e política.

Vozes

Em Moçambique tanto os políticos como os cidadãos sabem já há muito tempo sobre o potencial da cultura no geral, e da música em particular para a mobilização social e política, comunicação e coesão de grupo. As organizações não-governamentais nacionais e internacionais também tem encomendado músicas para sensibilizar os moçambicanos sobretudo acerca de problemas sociais (ex. saúde, saneamento, tráfico de crianças e violência contra a mulher). Contudo, mais recentemente diversos actores tem também utilizado a música para consciencializar sobre direitos e deveres em relação ao Estado, mobilização para o engajamento em processos de planificação e orçamentação participativos.

Em 2013 a Ibis apoiou um projecto da Associação dos Músicos Moçambicanos sobre cidadania, no qual músicos de todo o país foram convidados a comentar, através da música, sobre dinâmicas socioeconómicas e políticas nos locais onde eles vivem, do qual resultaram três CDs. Em 2018, diversos músicos colaboraram a Autoridade Tributária de Moçambique numa campanha de educação fiscal e popularização dos impostos através da música, da qual resultou a produção de um CD. Para além disso, algumas organizações da sociedade civil, tem também procurado fomentar espaços de diálogo sobre governação com artistas, como é o caso do Parlamento Juvenil através da Iniciativa Combate Cultural dos Excluídos.



Em 2017, a Fundação MASC lançou o “Festival Hip-Hop da Governação” como um meio de promover o envolvimento dos cidadãos, particularmente dos jovens, no debate sobre a governação, utilizando a hip-hop e a poesia como plataformas para atraí-los. A partir dessa experiência, em 2018, foi lançado o “Festival Hip-Hop: Pelo Meu Futuro, Eu Vou Votar”, no âmbito do programa Votar Moçambique, que consistiu na realização de três festivais de hip-hop e poesia em três províncias (Maputo, Zambézia e Niassa), tendo contudo abrangido também jovens de outras províncias do país para além destas. Os festivais incluíram debate sobre participação em processos eleitorais e o papel dos músicos como actor cívico e político. Os festivais foram gratuitos e realizados em locais públicos ao ar livre (com excepção de Niassa) para atrair os jovens.

No dia 27 de Março de 2018, o jornalista e analista Ericino de Salema foi sequestrado e levado para a zona do Chiango, na estrada circular de Maputo, onde foi maltratado e deixado em estado crítico. O caso teve ampla cobertura nacional pois juntou-se a outros casos notáveis de jornalistas e analistas que foram sequestrados ou assassinados. Em resposta a este evento uma manifestação pública foi organizada na sede da Organização Nacional de Jornalistas na qual participaram várias organizações nacionais da sociedade civil. Os participantes desse evento pronunciaram-se publicamente contra os ataques a cidadãos que exerçam os seus direitos e liberdades fundamentais, nomeadamente da liberdade de expressão. Neste evento músicos tomaram lugar central entre os intervenientes. A música e a poesia foram ainda os principais meios usados pelos participantes para expressar o seu repúdio.

Conclusão

A discussão da música sobre o política realizada neste estudo reafirma a importância da compreensão de formas de expressão popular para o entendimento da forma como os cidadãos apreendem, relatam e dão sentido ao seu dia a dia. Exactamente porque a música pode simultaneamente server diferentes funções como as de mobilizar, entreter, informar ou mobilizar e porque ela é passível de diversas interpretações independentemente da intenção dos autores ela mostra-se como um meio privilegiado para expressão de sentimentos e acção política.

O estudo mostrou que consciencialização e o conhecimento podem levar a diversas acções. O nosso entendimento sobre o que constitui acção política não deve limitar-se a formas colectivas e públicas exemplificadas nas marchas e denúncias públicas. Em contextos como o de Moçambique, em que o debate público e *accountability* ainda são práticas novas, acções como a participação num concerto de um músico que canta sobre o político podem constituir actos de cidadania, especialmente quando estes eventos oferecem oportunidades para as audiências juntarem-se aos músicos no exercício de “cantar para acalmar a alma”.

Referências

- Cornwall, Andrea. 2017. “The Role of Social and Political Action in Advancing Women’s Rights, Empowerment, and Accountability to Women.” IDS.
- Fox, Jonathan. 2018. “The Political Construction of Accountability Keywords.” IDS Bulletin 49 (2).
- Fox, Jonathan A. 2015. “Social Accountability: What Does the Evidence Really Say?” World Development 72 (August): 346–61.
- Mugizi, Gertrude. 2018. “Enquadramento Teórico Da Responsabilização Social e Iniciativas Globais.” In . Conferência Internacional Sobre Responsabilização Social, 27 de Setembro de 2018, Hotel Cardoso, Maputo.
- Rowlands, Jo. 1997. Questioning Empowerment: Working with Women in Honduras. Oxford England: Atlantic Highlands, N.J: Oxfam Publishing.
- Tadros, Mariz. 2014. Women in Politics: Gender, Power and Development. London: Zed Books.

